Daniel Jimenez

TECNOLOGIA DAS LÍNGUAS VISUAIS

Provocações Filosóficas

1ª edição

São Paulo
2013

Copyright © 2013, by Daniel Jimenez

Revisão Ortográfica: Daniel Jimenez e Denise Soares

Projeto gráfico, diagramação e capa: Daniel Jimenez

Fotos: Carla Marques e Daniel Jimenez

Imagem da Capa: Daniel Jimenez

JIMENEZ, Daniel - 1978

JIMENEZ, Daniel. Tecnologia das línguas visuais: provocações filosóficas. São Paulo, DOG. 2013.

ISBN: 978-85-914881-4-8

Todos os Direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem a autorização do autor.

SUMÁRIO

AD AETERNUM 12

APRESENTAÇÃO 16

BERESHIT 20

Quem definiu o normal? 21

O surgimento do caos 23

Quem definiu a deficiência? 27

O que são os parâmetros injustos?.....29

O que é ser normal?.....32

O placebo do sujeito especial 36

Case: Em terra de cego, quem tem um olho é rei 37

Quando o especial se torna fanático-sacronarcisita 41

Case: A missionária que se sentia especial.....42

CULTURA 48

Hierarquia da cultura 51

INTELIGÊNCIA 54

Mapeamento das inteligências 56

Inteligência intrapessoal 57

Inteligência interpessoal 58

Inteligência musical 59

Inteligência lógico-matemática 60

Inteligência espacial 61

Inteligência sinestésica 62

Inteligência linguística 63

Inteligência Espiritual 64

Quem somos nós? 66

LÍNGUA 68

Linguagem existencial 69

A Semiótica 71

A linguagem.....73

Línguas orais e línguas de sinais 78

Bimodalismo o discurso da incompetência 82

Um desafio aos bimodais 84

Cada língua, uma lógica.....87

SINTAXE 90

Padrão neurocomportamental da língua.....92

Igreja um ambiente para estagiários.....94

FALA 98

Dêiticos socráticus 100

O mito do som 102

FONO 106

Aparelho Fonador, em nova verão.....108

Expressões corpóreofaciais 109

Fonologia e Fonemas.....110

Fonoaudiólogos.....112

Ortofonética.....114

REABILITAÇÃO 116

Reabilitar e normalizar 119

Implante coclear e a mecanização do normal.....121

LISBRA 124

LIBRAS: um hino do Império Oralista 126

QUADRO 1 – Pronunciando Língua de Sinais em Língua de Sinais 127

QUADRO 2 – Estrutura Morfofonossemântica 128

Estrutura morfofonossemântica 129

QUADRO 3 – Comparativo da Modificação *Pós-Traducional* 131

QUADRO 5 – Matemática Simples 134

QUADRO 7 – Pronunciando LIBRAS em LISBRA 138

QUADRO 8 – Comparando LIBRAS, LISBRA e LUSOBRASILEIRA 141

Ouvintofobia 142

ALFABETO 144

Alfabeto, uma inovação grega..... 146

Signwriting, uma invenção norte-americana 146

Sempre os gregos 148

Alfabeto manual uma diplomacia franco-hispânica.... 149

Um sonho chamado Gallaudet..... 155

Um sonhador chamado Pedro II 156

Aplicabilidade non grata 158

Um Negócio da China 160

Marketing sociocultural 163

MONOLINGUISMO 164

Direito de ser monolíngue 165

EDUCAÇÃO 170

Chicote pavloviano 171

Educar ou ensinar? 173

Precisa-se de Pais 174

A formação da língua no ambiente doméstico 175

A crueldade do bilinguismo 177

Ausência de ambientes bilíngues 179

Direito Ético do Aluno 182

Comprometimentos no estágio piagetico-freudiano ... 185

Case: Educação Especial 188

Macacos e língua de sinais 196

Aos pais ouvintes de filhos surdos são menos capazes que os macacos? 200

INCLUSÃO 202

Case: Inclusão e desabafo 204

Case: Inclusão como processo de colonizador do sujeito inferior 207

Professor surdo com intérprete para alunos ouvintes 213

Exclusão Social 214

Case: Caapores, uma sociedade bilíngue e inclusa .. 220

SURDINISMO *E* OUVINTOFOBIA 224

Do trauma ao preconceito 231

Case: Adoção de crianças surdas por surdos 233

Case: Um Jesus surdo para os surdos 233

Case: Surdolândia (Deafland) 235

Case: Professores surdos anti-ouvintes 235

Cancerigininanísmo social 236

INCONCLUSÃO 238

BIBLIOGRAFIA 242

SOBRE O AUTOR 286

AD AETERNUM

Não me sinto obrigado a acreditar que o mesmo Deus que nos dotou de sentidos, razão e intelecto pretenda que não os utilizemos.

Galileu Galilei

Agradeço a todos que participaram, de um modo ou de outro, do processo de construção deste trabalho. Aos que cederam tempo para leitura e crítica dos manuscritos; A aqueles que franquearam seus ouvidos para os discursos que aqui congelei; Aos que questionaram; Aos que mediaram; Aos que odiaram; Aos que entenderam o limite humano imposto; Aos referenciais. Às pessoas que deram suas contribuições literárias; Aos pais – meus e destes; Aos meus amigos, colegas e conhecidos; Aos meus professores e alunos.

É cabível franquear gratidão à minha família. Entendo por “família” todos os que transpassa-

ram as prerrogativas do *jus sanguinis* e, por cultivarem uma relação estreita de dignidade, amor e respeito, outorgaram uma relação *jus soli* que faz valer o dito do salmista que “há amigos que são mais que irmãos”, assim como há queridos que são mais que parentes. E a vocês, minha família, que são e serão, minha grata gratidão.

Agradeço, ainda, a Aquele que É, posto que: ainda que tivéssemos em nossas mãos todo o perfume das rosas, toda a ternura do céu, a beleza das estrelas, a pureza do silêncio, a inocência das crianças, a grandeza do mar, a força dos ventos... Ainda que tivéssemos todas as coisas belas da vida e a sapiência dos éons,

nada teria sentido se nós não ganhássemos o presente mais valioso: a certeza de que, Nele, *somos um com e como Ele*. Agradeço a Ele por resignificar a minha vida e ao incubar-me na Sua.

DEDICO A VOCÊS

APRESENTAÇÃO

Um livro é um brinquedo feito com letra. Ler é brincar.

Rubens Alves

A resenha que segue foi desenvolvida sobre o tema das línguas de sinais, a partir de um prisma interdisciplinar, visando “holofotear” perspectivas que apontem caminhos alternativos do repensar o objeto em questão.

Sua proposta se diferencia - de modo minimamente original - por cavalgar em um caminho reverso à práxis científico-social provocativa e puerilmente, tanto na construção de sua abordagem despojada e irreverente quanto na simplicidade de dizer apenas o que convém para o momento.

Em nenhum momento o texto objetiva dissecar o tema (geral ou específico) em tela com respostas-perguntas puramente científicas. Antes, se preocupa em evidenciar alguns dos questionamentos que o autor vem se fazendo ao longo dos últimos vinte anos de convivência, ora com a língua de sinais ora com alguns de seus usuários intrínsecos e adjacentes, de modo à “mosaicá-las” às inferências empíricas.

Finalmente, espera-se que a leitura possa servir para esboçar - entre rugas de interrogação, ceticismos, descréditos e desdéns - algum sorriso, sempre na esperança de que, quem sabe, se possa levar alguns a sair do lugar-comum

para o lugar-do-diferente ou, ainda, para o lugar-do-não-lugar, sendo este último o preferido pelo autor.

BERESHIT

Em momentos de crise, só a imaginação é mais importante que o conhecimento.

Albert Einstein

Ao longo de séculos, muitos discursos oriundos do senso comum foram massificados, “frankensteineados” e difundidos pelo injusto parâmetro chamado de “normalidade”.

Quem definiu o normal?

O que é normal? Quem é normal? Quem rege a regra da normalidade? A quem interessam tais regras? Quem se beneficia com elas? Seria o normal, a norma e a normalidade um reflexo da presunção dos que se retroalimentam da velha consciência nazistogrecofaraônica?

O surgimento do caos

Divaguemos. Antes que houvesse o nada, o Design Inteligente compunha o fascínio da criação. Foi do nada ou no nada que o ser, ontologicamente falando, através da aquarela existencial, substancializou-se na imagem e semelhança de seu Grande Arquiteto e viu que tudo era muito bom. Foi o fim-início de muitas estéticas eras. Ao longo destas, dentro e fora delas, diversas estruturas inteligentes e pensamentos-formas se desenvolveram, evoluíram e hierarquizaram-se. Dentro de nosso restrito crivo linguístico é cabível pontuar que “nasceram” ou se estruturaram os primeiros níveis de consci-

ência. Quanto mais elevado o grau da plenitude da consciência sobre algo (ainda que este "algo" seja a consciência da própria consciência) maior o grau de responsabilidade sobre a aplicabilidade das decisões no que tange a otimização dos resultados lastreados por ela.

Remixando (metaforicamente) a física e a teologia, afirmo que, a percepção veio como um efeito boreal diamantino e translúcido das formas-sem-forma, seguida, como o trovejado, tempestuoso e "tsunâmico" berro oceânico, de algumas percepções. Ouviu algo como רוא (or). Outras percepções, no entanto, ouviram-na como ॐ (om). Houve, ainda, Luz - o pós-parto

das primeiras consciências, nossas irmãs-mais-velhas.

Infelizmente, em dado momento da meta-história, o responsável pelo equilíbrio da biodiversidade, ou melhor, uma das consciências-irmãs-mais-velhas, perdeu seu foco existencial, gerando o caos. Mesmo assim - e pelo princípio da resiliência - as estruturas do ecossistema continuaram com seu processo desenvolvimentista sobre a plataforma deste novo cenário. Com isso, as competências no sistema biogeológico foram margeadas pela organização tecida pelo narcisismo das violentas vias da seleção natural. Nesse ambiente, a estrutura neu-

robiológica e mental do *homo sapiens* foi fecundada e, na pior das hipóteses, foi por ela que ele assimilou e construiu seus parâmetros e suas normas. Esta tecelagem caótica nutriu-se do péssimo hábito de assimilar e julgar que uma estrutura fisiologicamente diferente do seu padrão (também caótico) interno de referência é fraca e insignificante. Por assim entender, ela tem dificuldade em aceitar aquilo que foge do *padrão* nazistogrecofaraônica.

Desse modo, quando uso o termo “deficiente”, nossa mente o traduz automaticamente como sendo algo incapaz, menor, inapropriado, patológico – o que não é de todo inadequado para o que é por competência. Os meta-pterossauros polinizaram o “hino ao normal”, mas, foram seus ruminantes herdeiros que fomentaram e canonizaram esta maldita “ode à arrogância”.

Por essa razão (se é que há qualquer mérito racional a ser empregado) é que não há discurso humanitário contemporâneo que corrija em curto prazo os estragos causados pelo eco

do ego coletivo - muitas vezes catedraticamente embasados - ruminados ao longo de séculos, como é o caso dos discursos desumanos e desalmados advindos das consciências necrosadas pelo câncer social vigente *Marcofelicieus Malafaiacarum.* O que é normal? Quem é o normal? Quem definiu o padrão litúrgico existencial?

Pensando a questão da mecânica do processo auditivo como princípio e parâmetro normativo, entendemos que, a não portabilidade deste ferramental “a quem” ou “o que quer que seja” implicaria em entendê-lo com um deficiente auditivo. O que é justo por este viés. No entanto, o que essa ideia, de fato, evoca quando talhada à consciência humana?